



FAXINFORME

CLIPPING

Diário de Notícias



Tiragem: 54.326

Área: 809cm²/ 85%

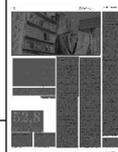
Data: 11.08.2012

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

FOTO

Cores: 4 Cores Pág: 12



Roquette "sempre se deu bem com os governos do PS, com os outros não sei", diz Vítor Martelo, ex-autarca e amigo do empresário. FOTO: GLOBAL IMAGENS

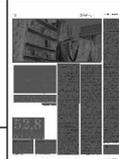
No Alentejo desde 1973 Como José Roquette cobiçou o Alqueva

Ligação à região começou com a compra da Herdade do Esporão, projeto de sucesso que começou por ser chumbado

Texto: Luís Godinho

Há uma história que José Roquette costuma contar aos amigos, no Alentejo, que se aplica como uma luva à situação presente. Corria o ano de 1973 quando o empresário e o seu sócio de então, Joaquim Bandeira, compraram a Herdade do Esporão e entregaram no Ministério da Agricultura a proposta para construção de uma adega. Os serviços do Estado consideraram tratar-se de um "projeto megalómano destinado a falência rápida". Não podiam estar mais errados. Apesar de a primeira colheita de uvas só ter sido efetuada 22 anos depois, o Esporão é hoje um caso de sucesso, com uma faturação anual de 40 milhões de euros.

"Guardamos esse documento com carinho, pois é a confirmação de um grande provérbio chinês segundo o qual todas as grandes conquistas são, ao princípio, impossíveis", disse recentemente ao DN João Roquette, fi-



lho do fundador e CEO do Esporão.

Jorge Ramalho, presidente da Junta de Freguesia de São Marcos do Campo, já ouviu a história contada pelo protagonista. E lembrou-se dela agora que as empresas de José Roquette ligadas ao projeto turístico Parque Alqueva – investimento global de mil milhões de euros em hotéis e campos de golfe nas margens do maior lago artificial da Europa – pediram a insolvência no Tribunal de Reguengos de Monsaraz, na sequência de dificuldades de financiamento junto do banco público, a Caixa Geral de Depósitos. É como se a História se repetisse. Agora, como em 1973, é o Estado – ou parte dele – que parece não acreditar na visão do empresário, apostado em construir um novo destino turístico no interior alentejano.

“Não falta por aí gente a falar, mas com pouca coisa concreta. Ele [Roquette] é o contrário. Apesar de ter uma idade já mais avançada, continua com um espírito de desenvolvimento que é aquilo de que o país precisa”, diz Jorge Ramalho. “Precisa-mos é de muitos Roquettes”.

É na área da freguesia de São Marcos do Campo que se localiza a herdade de Roncão d’El Rei, antigo local de caça do rei D. Carlos, que seria o ‘coração’ do Parque Alqueva, gerido pela cadeia asiática Alila. O empreendimento – apresentado pelos promotores como uma “maratona” que se prolongaria por duas gerações – previa a construção de sete hotéis, quatro campos de golfe e um aldeamento turístico, numa área total de 2 mil hectares divididos por três herdades.

O pedido de insolvência – apresentado por fonte da Sociedade Alentejana de Investimentos e Participações como a “melhor opção para os trabalhadores e fornecedores”, alguns deles com pagamentos em atraso – foi efetuado depois de o grupo ter recebido apoios de 7,2 milhões de euros de fundos comunitários e surpreendeu os 600 habitantes de São Marcos do Campo, aldeia que vive da agricultura e se habitou a ver os jovens partir para outras paragens à

procura de trabalho.

“Havia aqui uma grande expectativa na criação de emprego, era uma oportunidade única”. Ainda para mais protagonizada por uma pessoa que São Marcos aprendeu a respeitar: “O José Roquette é muito acarinhado aqui na aldeia e ele faz por retribuir, tem dado um apoio enorme a toda esta gente”.

Um apoio na criação de postos de trabalho – o Esporão soma 260 colaboradores – mas também na ajuda a quem precisa. Caso recente foi o da família de uma jovem de 13 anos que perdeu a vida na sequência de um acidente de viação. A tragédia emocionou a aldeia e a população mobilizou-se para ajudar a família, que sobrevive com dificuldades, a pagar os encargos com o funeral. José Roquette também ajudou.

“Sim, também participou nessa ação de solidariedade”, confirma Domingos Barão, diácono na paróquia de Reguengos de Monsaraz, que ao longo dos anos se habituou à presença de Roquette na missa de domingo, ora na igreja de São Marcos do Campo, ora na da aldeia de Perolivas, onde o empresário costuma ir com a família. “É uma pessoa religiosa e consciente da sua fé, tem conhecimento daquilo que pratica e é muito afável, muito simples, sem aqueles preconceitos de pessoa rica ou importante. Não tem absolutamente nada disso”.

A ligação da família ao Alentejo – onde o empresário batizou alguns dos netos – data de 1973, quando comprou a Herdade do Esporão, altura em que José Roquette, o mais velho de 11 irmãos, já somava 14 anos de atividade no Banco Espírito Santo e era um dos homens de confiança de Manuel Espírito Santo Silva. Nos anos “quentes” do pós-25 de abril a herdade foi nacionalizada e ocupada pela Reforma Agrária, sendo devolvida 10 anos depois.

Terá sido por essa altura que os caminhos do empresário se cruzaram com os de Vítor Martelo, à época presidente da câmara e um dos ‘dinossauros’ do PS alentejano. Ao longo

dos anos, os dois homens estreitaram laços de amizade e cooperação institucional que Martelo evoca recordando uma das primeiras conversas com o empresário, em que ele lhe garantiu que iria colocar Reguengos de Monsaraz no “mapa do mundo” com a produção de vinho de qualidade.

“Passaram alguns anos. Um belo dia, numa viagem de avião, abri uma revista estrangeira e lá vinham páginas e páginas sobre Reguengos de Monsaraz e a Herdade do Esporão. Cumpriu a promessa”.

“Sempre se deu bem com os governos do PS, com os outros não sei”, diz o ex-autarca, lembrando as visitas do ex-Presidente da República Jorge Sampaio ao concelho: “Via-se que eram amigos”. Em 2006, Sampaio condecorou-o com a Grã-Cruz da Ordem de Mérito.

Martelo e Roquette partilham a paixão pelo Sporting. O empresário – que entre 1996 e 2000 foi presidente do clube fundado pelo avô, José Holterman Roquette, conhecido por José de Alvalade – fez questão de estar na inauguração do núcleo “verde-e-branco” de Reguengos, onde os adeptos ainda hoje acompanham os principais jogos do clube.

Agora, em que um já deixou de ser autarca [é presidente da Fundação Maria Inácia Perdigão Silva] e o outro não exerce funções executivas na empresa, a ligação mantém-se. Há dois anos, a Fundação inaugurou uma creche com capacidade para 66 crianças e o empresário deu uma ajuda: “Foram 80 mil euros em equipamento com a condição de termos sempre lugares para os filhos dos trabalhadores do Esporão”.

No concelho é fácil encontrar quem tenha trabalhado para Roquette. Há quem fale de “trabalho duro e exigente”, mas também quem recorde as festas que assinalam o final das vindimas ou os encontros com o empresário nos seus passeios pela herdade a observar a natureza.


PONTO FINAL Promotores do Par-



FAXINFORME

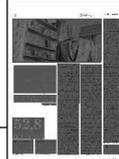
CLIPPING

Diário de Notícias



Tiragem: 54.326

Área: 809cm²/ 85%



Data: 11.08.2012

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

FOTO

Cores: 4 Cores Pág:12

que Alqueva apresentaram pedido de insolvência. Divergências com a CGD estarão na origem da decisão.

52,8 milhões

Dívida do projeto turístico.

A Sociedade Alentejana de Investimento e Participações (SAIP), liderada por José Roquette, revelou que o valor da dívida das sociedades promotoras do maior complexo turístico no Alqueva – atual Roncão d’El Rei – é de 52,88 milhões de euros.

BPI e CGD são maiores credores.

O maior credor é o BPI, com 16 milhões de euros, logo seguido pela CGD, que contabiliza créditos de 15,7 milhões “por um aval indevido”. A esta verba somam-se 403 mil euros ao BCP; mais os 7,2 milhões de apoios públicos e 1,25 milhões a fornecedores.